



Apresentação das Orientações «O dom da fidelidade e a alegria da perseverança»

José Rodríguez Carballo, Arcebispo secretário da CIVCSVA

«O dom da fidelidade e a alegria da perseverança. *Manete in dilectione mea* (Jo 15,9)»: este é o título do último documento da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica (CIVCSVA) publicado pela *Libreria editrice vaticana* e apresentado *online* a 10 de dezembro passado. O texto é fruto da plenária do Dicastério para a vida consagrada celebrado em Roma em 2017.

O documento tem três capítulos: o primeiro capítulo tem como título *O olhar e a escuta*, o segundo *Reavivar o conhecimento de si próprio*, e o terceiro *A separação do Instituto*. O subtítulo é retirado do Evangelho de João: *Manete in dilectione mea* (15,9).

Permanecei no meu amor (Jo 15,9): é o pedido que Jesus faz aos seus discípulos durante a última Ceia. *Permanecei*: «Aqui reside a força da vocação do consagrado». Este imperativo é também uma entrega, a oferta da «verdade fundamental» que nos permite «permanecer em comunhão vital com Cristo» (Francisco, *A força da vocação. Uma conversa com Fernando Prado*, 44). Entrega confiada aos discípulos de ontem e de hoje, sobretudo aos homens e mulheres consagrados que enfrentam o desafio de viver em ambientes fortemente secularizados, correndo o risco de perder o fervor e a alegria da própria doação a Cristo e à Igreja. Fervor e alegria que faltam, tanto hoje como no passado, em «muitos consagrados e ministros de Deus, que na silenciosa dedicação de si próprios, perseveram indiferentes ao facto de que o bem, muitas vezes, não faz barulho [...]. Continuam a crer e a pregar com coragem o Evangelho da graça e da misericórdia a homens sedentos de razões para viver, esperar e amar. Não se assustam diante das feridas da carne de Cristo, sempre infligidas pelo pecado e não raramente pelos filhos da Igreja» (Francisco, *Discurso aos bispos recentemente nomeados que participaram no curso promovido pela Congregação para os Bispos*, 13 de setembro de 2018).

Fidelidade e perseverança estiveram no centro da intervenção do Papa Francisco na audiência de 28 de janeiro de 2017 na Plenária da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica: «neste momento a fidelidade é posta à prova. Estamos diante de

uma “hemorragia” que debilita a vida consagrada e a própria vida da Igreja. Os abandonos na vida consagrada preocupam-nos. É verdade que alguns deixam por motivo de coerência, porque reconhecem, depois de um sério discernimento, que nunca tiveram vocação; mas outros, com o passar do tempo, não respeitam a fidelidade, muitas vezes poucos anos depois da profissão perpétua. O que aconteceu?». «Os abandonos na vida consagrada preocupam-nos», afirma o Papa Francisco. Preocupação sentida em todos os ambientes da vida consagrada. A reflexão sobre o tema da separação-abandono do instituto, iniciada há algum tempo pela Congregação, levou à elaboração de *Orientações* com o título: *O dom da fidelidade, a alegria da perseverança*. Reflexões e orientações destinadas a todos os consagrados e consagradas (irmãs, irmãos, superiores, formadores), na convicção de que a fidelidade na perseverança «está inscrita na identidade profunda do consagrado» (n. 1).

O olhar e a escuta

Para quem espera uma análise articulada sobre as causas que provocam os “abandonos”, ficará decerto desiludido. Tendo em conta a complexidade do fenómeno que abarca todas as áreas continentais de presença dos consagrados, os respetivos contextos não podem ser considerados irrelevantes, até porque se observa que a dimensão sociocultural é claramente evidente. Por isso, iniciar investigações neste sentido – já em parte tratadas na literatura de especialidade – produziria resultados de não fácil convergência; também os quadros estatísticos, embora relevantes para a leitura do fenómeno, não podem ser considerados exaustivos da “figura do fenómeno”. Considerou-se situações pessoais, comunitárias e institucionais que revelam pontos críticos e, ao mesmo tempo, dinâmicas que é preciso converter. A vida consagrada no mundo não é um conjunto de instituições, mas um corpo vivo, mutável, por vezes imprevisível nas suas mudanças. Nos processos de mudança em curso, as mentalidades e as sensibilidades culturais e geracionais são tão variáveis que não podem ser desconsideradas, sobretudo quando confluem os problemas dos abandonos. Portanto, a primeira parte do documento – o olhar e a escuta – limita-se a evidenciar algumas destas situações problemáticas dentro de um fenómeno mais amplo dos abandonos. Trata-se concretamente, nos respetivos contextos, de avaliar com atenção e rigor os problemas que estão na origem dos abandonos e, conseqüentemente, de ativar caminhos de prevenção na formação e de formação ao discernimento. E, ao mesmo tempo, comporta não ceder ao pessimismo que acaba por assumir uma atitude de passividade resignada, ou pior, como forma de reagir de modo irresponsável, na convicção de que já nada a fazer.

Reavivar a consciência

Repropor hoje a questão sobre o sentido da fidelidade e da perseverança dos consagrados e consagradas significa retomar os temas – através da riqueza do magistério, desde o Concílio Vaticano II até hoje – sobre a identidade e vocação à vida consagrada na Igreja: o fio condutor

presente também no debate atual surgido à volta dos problemas e dificuldades dos consagrados. Identidade e vocação que “não expiraram”. A reflexão do magistério aprofundou a relação entre fidelidade e perseverança tida como chave de interpretação de uma autêntica experiência da vida consagrada: desde a escuta da Palavra de Deus à vida fraterna em comunidade, ao dom dos conselhos evangélicos, ao sentido de uma missão de vida...; uma experiência sintetizada na expressão «perseverança na fidelidade» (*Redemptionis donum*, 17).

O dom da fidelidade manifesta-se na alegria da perseverança: a alegria transparece no rosto dos consagrados e consagradas. O magistério do Papa Francisco é particularmente atento à alegria. *Evangelii gaudium*, *Amoris laetitia*, *Gaudete et exsultate*, os *incipit* enunciam uma exigência evangélica decisiva na vida dos discípulos: a urgência da alegria, que é a alegria do Evangelho, a alegria do amor, a experiência alegre da comunhão com o Senhor Jesus. Dirigindo-se aos consagrados, o Papa convida-os continuamente a testemunhar a alegria: «Esta é a beleza da consagração!». Para o Papa Francisco, a alegria não é um ornamento inútil, mas uma exigência e fundamento da vida humana. Na fadiga quotidiana, cada homem e mulher tende a alcançar e a viver na alegria com a totalidade do seu ser, a alegria é o motor da perseverança. «A alegria nasce da gratuidade de um encontro! E a alegria do encontro com Ele e do seu chamamento faz com que não nos fechemos, mas que nos abramos; leva ao serviço na Igreja. São Tomás dizia “*bonum est diffusivum sui*”: “O bem difunde-se”. E também a alegria se difunde. Não tenhais medo de mostrar a alegria de ter respondido ao chamamento do Senhor, à sua escolha de amor e de testemunhar o seu Evangelho no serviço à Igreja. E a alegria, a verdadeira, é contagiosa; contagia... faz ir em frente» (Francisco, *Encontro com os seminaristas, os noviços e as noviças por ocasião do Ano da Fé*, 6 de julho de 2013).

A fidelidade na perseverança forma-se no discernimento. Hoje deveria ser mais amadurecida a perspectiva de um *processo de discernimento-acompanhamento* que cuida do irmão e da irmã em dificuldade e – quando se trata de escolhas dolorosas e difíceis – os acompanha na procura de um caminho diverso e na busca de novos significados que deem sentido à escolha de vida. Temos à disposição potencialidades e recursos que outrora permaneciam latentes; trata-se de redescobri-los para nos dirigirmos às periferias existenciais, não só para o exterior na evangelização, mas também para dentro dos nossos próprios ambientes. Rer o fenómeno dos abandonos dentro de um *processo de discernimento* que interpela os institutos e as sociedades quer dizer superar uma mentalidade redutora, ou seja, de “resolver os problemas” de pessoas que tenham vivido e feito viver momentos de dificuldade e de tensão nas próprias comunidades. De facto, quando a saída de um confrade ou de uma irmã é entendida como uma “libertação”, alguma coisa não funcionou ao longo do percurso de discernimento. Não se deveria chegar à fase do discernimento final passando por situações de exclusão ou de um real ostracismo da comunidade ou do instituto: com isso, corre-se o risco de alimentar uma sensação de fracasso em quem sai e de gerar um novo mal-estar a quem permanece.

A “regras”: recursos para o discernimento

A terceira parte do documento oferece um quadro da normativa canônica e da práxis do Dicastério. Os resultados dos processos de discernimento (como, por exemplo, a ausência da comunidade, a saída, a passagem, a demissão do instituto...) são avaliados e acompanhados na valorização e no respeito não formal do direito universal e próprio. O subsídio normativo visa o exercício de uma responsabilidade partilhada: de um lado, por quem acompanha os processos de discernimento e, do outro, de quem está consciente das suas decisões. Neste sentido, o percurso normativo inscreve-se plenamente num correto processo de discernimento. O apelo à disciplina não está certamente em função do rigor, mas do sentido de responsabilidade mediante a qual cada consagrado e consagrada é colocado perante a coerência das próprias escolhas, sobretudo as mais difíceis e sofridas. Além disso, a síntese normativa da terceira parte responde a uma exigência concreta. Na experiência quotidiana da CIVCSVA, a verificação de informação-documentação, insuficiente para instruir as ditas “práticas”, obriga a rever a avaliação dos “casos”, para tutelar os direitos dos sujeitos envolvidos e verificar a assertividade dos procedimentos. Em ambos os casos, as “regras” são preciosos recursos de discernimento para o bem de todos.

O cansaço na fidelidade e a falta das forças da perseverança são experiências que pertencem à história da vida consagrada, já desde os seus alvares. A fidelidade, não obstante o eclipse desta virtude no nosso tempo, está inscrita na identidade profunda da vocação dos consagrados: está em jogo o sentido da nossa escolha de vida perante Deus e a Igreja. A coerência da fidelidade permite a apropriação e a reapropriação da verdade do próprio ser, isto é, de *permanecer* (cf. Jo 15,9) no amor de Deus. Também hoje é possível a fidelidade perseverante: «Não tenhas medo [...] Eu estou contigo para te livrar» (Jr 1,8).

[traduzido de *L'Osservatore Romano*, 2021-01]